



A cultura afro-brasileira no cotidiano da Educação Infantil

Elza Corsi (*)

“Semana que vem vou para a África, vou de barco e meu pai vai remando”.

Heitor Macedo (2anos e 6 meses)

Minha história com o CEI Walther Sommerlath, no Parque Sonia, São Paulo, é antiga. Desde 2016 realizo um trabalho de apoio nas áreas de gestão e pedagógica.

A questão dos cuidados, tão cara ao Avisa Lá, vem sendo pauta da formação desde o início, mais especificamente àquelas relativas ao autocuidado (alimentação, lavagem de mãos, limpeza do nariz, etc.) e a elaboração de protocolos que, mesmo antes da pandemia, propiciaram práticas mais qualificadas por parte dos diversos profissionais. Além disso, as mudanças na estrutura física da creche, com adaptações dos espaços internos e externos, visaram um maior bem-estar das crianças e dos adultos.

A pandemia interrompeu essa ação, mas, este ano, tivemos uma nova demanda da direção do CEI, para trabalhar com educação antirracista, com base no Currículo da Cidade de SP. Havia um grande incômodo por parte das professoras e de outros profissionais por não saberem como trabalhar essa questão com crianças tão pequenas. Estavam temerosas e não sabiam por onde começar.

A formação se deu a partir de março de 2023, nessa creche que trabalha com aproximadamente 120 crianças de 0 a 3 anos. A primeira ação foi um encontro com a equipe de gestão para entender a demanda e, depois, com outros profissionais para realizar um diagnóstico sobre a temática na prática do CEI.

Havia um grande interesse e conhecimento sobre as orientações do Currículo da Cidade, mas não conseguiam traduzi-las em uma prática para as crianças de 0 a 3 anos. E a pergunta era: Como vamos discutir política com crianças tão pequenas?

Há sempre uma tendência em ensinar as crianças de uma forma transmissiva, por isso nas formações é preciso se atentar tanto ao conteúdo, quanto à forma, tendo como referência as DCNEI, o Currículo da cidade e à concepção de criança.

Havia, ainda, algo que as imobilizava, um receio de trazer elementos da cultura afro para famílias cristãs, maioria no CEI, e isso ser entendido como ensino de outra religião, mesmo que a maior parte da comunidade fosse negra.

Antes de mais nada, é preciso saber como e o que cada uma pensa e, para tanto, a proposta de conhecer mais sobre si mesmas foi ativada.

A primeira estratégia utilizada foi trabalhar as identidades da dupla gestora, dos professores, merendeiras e outros profissionais. A pergunta foi: Quem somos?

Essa pergunta possibilitou que contassem suas histórias e fossem se identificando como pardos, negros, indígenas... “somos muito mais do que a cultura europeia”. Foi uma conversa muito mobilizadora, pois lidou com a questão do pertencimento, da ancestralidade e a busca interna de “quem eu sou”. Alguns medos vieram à tona e puderam ser trabalhados.

Uma decisão do grupo foi, logo depois dessa conversa, que as famílias deveriam ser convidadas a participar desde o início do processo, discutindo tudo com eles e pedindo apoio.

Outra decisão importante do grupo foi que deveriam fazer um recorte temático para iniciar o trabalho, optando por uma imersão na cultura afro-brasileira, com o objetivo de inserir e qualificar essa cultura no cotidiano da creche.

A formação objetivou, então, apoiar a creche para implementar o Art. 7, inciso V, das Diretrizes Curriculares da Educação Infantil, que indica que as propostas pedagógicas dessa etapa devem estar comprometidas com o rompimento de relações de dominação étnica, além de implementar o currículo da cidade no que tange a educação antirracista, definido no documento Orientações Pedagógicas - Educação Antirracista: Povos Afro-Brasileiros.

Envolvendo as famílias

Compartilhar os estudos e o projeto com as famílias desde o início foi uma decisão acertada.



Além de apresentarem o projeto para as famílias, foram realizadas oficinas com elas e seus filhos, como por exemplo, a de perfis de mulheres negras, bonecas Abayoni, turbantes, instrumentos musicais, brincadeiras da África, máscaras, entre outras. Os resultados foram muito interessantes, já que as famílias entenderam a proposta e se engajaram no processo. E, pode ser percebida, ainda, uma ampliação do entendimento sobre o brincar, valorizando a experiência.

Em momento posterior, foi realizada uma Mostra para as famílias e para a comunidade com as produções das oficinas e incluía um lanche afro-brasileiro. As famílias identificaram suas produções e valorizaram seus saberes e habilidades e as crianças reconheciam-se, reconheciam suas famílias, as produções conjuntas e se divertiam.

Currículo da Cidade
Educação Antirracista:
orientações pedagógicas:
povos afro-brasileiros

“É necessário romper com a estrutura racista da sociedade brasileira e, por meio da educação, é possível refletir, discutir, desvelar saberes antes marginalizados e potencializar experiências livres de racismo nas Unidades Educacionais das 13 Diretorias Regionais de Educação - DREs da Cidade de São Paulo”. (pg. 28)



As famílias passaram a participar de todo o processo, com presença no cotidiano e em eventos ou, ainda, apoiando o CEI de várias maneiras.

O trabalho com as professoras

Esta ação tem vários conteúdos e dimensões. As professoras pesquisaram, estudaram, fizeram perguntas, mostraram-se curiosas e ficaram satisfeitas com suas descobertas e atuações.

Uma das primeiras aquisições do CEI foi um globo terrestre para localizar os países africanos e explorar suas dimensões, geografia, etc. Descobriram, assim, que a África não é uma coisa só, tem muitas culturas e muitos estados que foram colônias europeias. Muitos deles conquistaram sua independência no século passado.

Estudaram os Orixás, os heróis afro-brasileiros. Para tanto, tiveram contato com textos científicos, literários e populares e apreciaram muitos elementos dessa cultura na arte, culinária e botânica.



Privilegiou-se o ambiente da creche, enriquecendo-o com elementos da cultura afro-brasileira, permitindo a exploração, a nomeação e garantindo a permanência para que a criança pudesse explorar, pesquisar no seu próprio tempo. Bonecos negros, instrumentos musicais de origem afro, tecidos, livros infantis e muitos outros materiais permitiram pesquisas e explorações.

Na formação, a discussão sobre a música brasileira e seus ritmos africanos, o conhecimento de cantores negros, que cantam e falam sobre a negritude, como Emicida com seu “Amarelo”, entre outros, foram ampliando o conhecimento e a sensibilidade dos adultos. E as professoras passaram a cantar para as crianças.

Tecidos com estamparias afro foram povoando as salas e o CEI e foram sendo utilizados como turbantes, saias, mantos, entre outras possibilidades, pelas crianças que faziam verdadeiras festas em frente ao espelho. Foram muitas as horas de diversão, aprendizado e reconhecimento da beleza negra. Os padrões repetitivos, as linhas, os desenhos afro se tornaram referências importantes para crianças, adultos e famílias.



A ênfase na estética revela e reconhece o valor da cultura e a diferença como um valor.

Novos livros de literatura, mitos e lendas dos orixás para crianças e adultos, destacam personagens negros.



CRIANÇAS LENDO,
IMITANDO OS
PERSONAGENS DAS
HISTÓRIAS, COLOCANDO
FLORES NO CABELO

Na formação dos professores resgataram-se as histórias e os heróis negros do Brasil. Heroínas, como a avó de Zumbi dos Palmares, entre muitas outras, até a leitura de Carolina de Jesus, ampliavam a representação afro-brasileira. Estas propostas foram valorizadas como um apoio à construção da autoestima positiva das crianças negras e construção da identidade, da ancestralidade, sem necessidade de discurso.

Boneca bailarina

“A minha primeira ideia foi levar uma boneca negra bailarina e colocar no meio das bonecas da sala de referência e observar se as crianças iriam notar.

Observei por mais de uma hora e nenhuma criança tinha notado a boneca no meio das demais.

De repente, quando eu já tinha me esquecido, a Heloisa viu a boneca e disse: Olha que linda, ela é bailarina. A Iris falou: ela é pretinha, que fofa!

Todas as crianças queriam pegar a boneca ao mesmo tempo, ficaram admiradas.

Em outro momento, coloquei imagens de pessoas negras, homens e mulheres. As crianças gostaram e começaram a falar: - Essa sou eu, essa sou eu! Foi uma disputa sobre quem era quem.

Apresentei também os Éres brincantes em uma roda de conversa. Mostrei o globo e apresentei um a um, os bonecos, falando sobre o nome e a cultura de cada um. As crianças gostaram muito e até gravaram onde ficava a Bolívia, o Brasil e a África.



Foi uma experiência bem legal, as crianças se envolveram e apreciaram os bonecos”.

Fernanda Silveira

professora do mini grupo 1



Imagem ilustrativa. Crédito: Marc EMBEL, 1885 (Domínio Público)

Aqualtune - avó do Zumbi

Princesa africana, filha do rei do Congo, foi presa, depois de uma batalha foi sequestrada e enviada para o Brasil, chegando em Recife em 1597. Liderou a fuga para o Quilombo que, mais tarde seria conhecido como Palmares, que liderou por muitos anos. Entre seus filhos estão Ganga Zumba e Sabrina, a mãe de Zumbi.

Sandra Regina do N. Santos 'Brincando e ouvindo histórias', parte de uma coleção do Núcleo de Apoio à Pesquisa em Estudos Interdisciplinares sobre o Negro Brasileiro (NEINB), da USP.

O trabalho com as merendeiras

A discussão sobre as questões do cuidado na cultura afro, revelou que cada cultura tem um jeito de cuidar, assim como cada família (alimentos, chás, rezas, “benzimentos”, entre outros).

As merendeiras foram desafiadas a identificar os alimentos do nosso cotidiano de origem afro e a fazer pesquisas sobre eles. Estudaram a história das receitas africanas e como elas chegaram aqui, bem como as transformações que sofreram. Conheceram também dez cozinheiros/chefs negros e fizeram uma exposição com suas fotos e referências no refeitório, incluindo o cozinheiro/merendeiro da creche que também é negro. Essas ações foram alimentando a equipe com teoria e o desenvolvimento profissional com as práticas.

Descobriram que a palavra fubá, por exemplo, é africana e que esse alimento viajou o mundo. Desenvolveram, com protagonismo, uma sequência de experimentação do fubá pelas crianças, em parceria com as professoras.



Passaram a planejar a introdução de uma receita afro-brasileira no cardápio da unidade escolar a cada 15 dias, o que, aos poucos, foram incorporadas ao cotidiano da creche.

Toda essa ação culminou em um almoço nigeriano elaborado para uma visitante especial que havia morado nesse país da África.





Mas até a realização do almoço os profissionais do CEI pesquisaram sobre esse país africano e descobriram similaridades com o Brasil. A Nigéria é muito diversa, tem muitas crenças, uma população de 203 milhões de habitantes, baixo IDH, produz petróleo, além de sua produção agrária. Muitos escravos (iorubas e haussas /islâmicos) vieram da Nigéria para o Brasil durante o período colonial.

Trabalho com a equipe de apoio

Partiu-se de uma ampliação e valorização da função do pessoal de apoio, mais especificamente as faxineiras, com a apresentação de arquitetos famosos, fazendo um paralelo das funções desses profissionais, pois ambos promovem o bem-estar das pessoas, pensando o cuidado com os espaços para se viver e interagir, havendo, pois, uma similaridade de importância e valor.

O desafio para o pessoal do apoio foi a realização de uma pesquisa sobre plantas originárias da África. Descobriram que o agapanto, a estrelitzia, a espada da são Jorge e a tumbérgia, entre outras, têm origem na África. Planejaram, então, um paisagismo para a entrada do CEI e plantaram algumas espécies, destacando-as com fichas técnicas com informações científicas.



A partir do desafio de planejar a introdução de um objeto afro-brasileiro nas dependências da creche, foi desenvolvida sua decoração com telas de estampas afro, em seus diversos espaços. Para essa ação tiveram como referência estética as artistas plásticas Sonia Gomes e Goya Lopes, que trabalham com tecidos e estamparias.

A formação

Na metodologia do Avisa Lá a teoria serve para confronto, afirmação e elucidação das questões cotidianas. Os conteúdos teóricos auxiliam a tratar de problemas educativos reais, subsidiar a análise de diferentes pontos de vista e estratégias. Portanto, a teoria se reveste de significância e pode possibilitar uma apropriação original e criativa por parte do gestor/educador/pessoal de apoio. A reflexão sobre a prática, a partir de referências teóricas, possibilita a construção de novas propostas que incidem diretamente nas atividades oferecidas às crianças.

A medida que as profissionais foram se envolvendo com a temática, questionando, pesquisando, ampliando seus conhecimentos e sensibilidades, foram valorizando a cultura afro-brasileira e, ao se identificarem, valorizando-se também. E as propostas junto às crianças foram se adensando com criatividade e alegria. Esse foi um movimento coletivo, já que as ações foram se entrelaçando e ganhando, não só em dimensão, mas em consistência, o que contagiou também as famílias.

E as crianças puderam conviver com diversos elementos da nossa cultura, com a oportunidade de aprender a conviver com as diferenças, em um contexto em que a estética se revela como ética.

A formação se operacionaliza em encontros presenciais mensais de três horas, divididos em 2 grupos: CP e professores, e Diretora e pessoal de apoio. Nos intervalos a CP continua a formação com as professoras, e a diretora com o pessoal de apoio.

Cabe ressaltar que valorizar os saberes que já existem, partindo da necessidade formativa do grupo e buscar conjuntamente referências para que as profissionais possam atuar com qualidade e cuidado com o que apresentavam para as crianças, fez com que, a partir de certo momento, começassem a pesquisar e fazer propostas por conta própria, com a possibilidade de seguirem sozinhas, com autonomia e com a formação incorporada ao cotidiano da unidade.

“Desde a Constituição de 1988 – à época por pressão exclusiva do Movimento Negro Brasileiro –, o Brasil vem se preocupando com a inclusão do tema da diversidade racial na educação escolar. O ECA assegura a toda criança o direito de igualdade de condições para a permanência na escola, de ela ser respeitada pelos educadores, de ter sua identidade e seus valores preservados e ser posta a salvo de qualquer forma de discriminação, negligência ou tratamento vexatório.

Alterações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional acrescentaram-lhe dois artigos – 26-A e 79-B –, que preveem o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena e a inclusão no calendário escolar do dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra”.

Educação Infantil e práticas promotoras de igualdade racial –Avisa Lá/CEERT, 2012

https://avisala.org.br/wp-content/uploads/2015/06/revista-deeducacaoinfantil_2012.pdf

(*) Elza Corsi é bióloga, nutricionista e formadora do Avisa Lá. Fundou o Instituto, com Sílvia Carvalho, em 1986.